

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

FOTOS MARIA FANCHIN/DIVULGAÇÃO/JC



Baseado em texto do dramaturgo Edyr Augusto Proença, 70! reflete sobre o envelhecimento e a trajetória de uma geração

ARTES CÊNICAS

CACÁ CARVALHO VEM A PORTO ALEGRE PARA LEITURA CÊNICA NO PALCO GIRATÓRIO

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

O icônico ator paraense Cacá Carvalho desembarca em Porto Alegre para apresentar a leitura cênica *70!*, dentro da programação do 20º Festival Palco Giratório Sesc. As sessões ocorrem às 19h deste sábado - neste dia, em especial, com tradução simultânea em Libras - e de domingo, na Sala Álvaro Moreyra (Erico Verissimo, 307). O trabalho ocupa o espaço entre o depoimento pessoal e a interpretação literária, partindo de um texto original do dra-

maturgo Edyr Augusto Proença. Sob a direção de Márcio Medina, Carvalho sobe ao palco para compartilhar reflexões sobre o envelhecimento e o percurso de uma geração que atravessou transformações tecnológicas e sociais do século XX ao XXI. A origem do projeto remonta a um convite do sociólogo Danilo Santos de Miranda, (1943-2023) então diretor do Sesc São Paulo, que propôs ao ator a criação de um conteúdo voltado ao público da terceira idade. A partir dessa provocação, Carvalho buscou a colabora-

ção de Proença, autor conhecido por obras traduzidas na França e pela minissérie brasileira *Pssica* (produzida pela Netflix).

O processo de escrita foi acompanhado por Miranda, que, antes de falecer, orientou o ator a manter a simplicidade da proposta. "Ele assistiu a uma leitura e disse: é isso, mas não faça disso um espetáculo", recorda Carvalho. Dessa forma, o trabalho evita o uso de figurinos complexos ou marcações de personagens tradicionais. O ator apresenta-se como um homem que dialoga com a plateia sobre a própria condição.

Embora o texto tenha sido gerado para o público idoso e apresentado nesse circuito nos últimos dois anos, as sessões em Porto Alegre marcam a primeira vez que a leitura cênica se abre para uma audiência diversificada. O ator conta que realizou adaptações no modo de tratar a palavra e nos tempos da fala para dialogar com gerações mais jovens. De acordo com Carvalho, o tema central é a travessia do tempo. "É um texto que fala de uma condição que eu considero privilegiada, que algumas pessoas chegam na vida após um

longo caminho de 60 anos; enquanto muitos ficam no início, na metade do caminho, outros conseguem atravessar décadas de vida. Considero isso um presente", afirma.

O roteiro percorre situações do cotidiano, como o momento de fazer a barba e o reconhecimento das marcas do tempo no espelho. Também aborda o contraste entre o ritmo interno do indivíduo e a aceleração do mundo exterior, onde a tecnologia e a linguagem mudam com rapidez. O ator descreve o sentimento de descompasso diante de tarefas simples para os mais jovens, como o manuseio de celulares e a sensação de invisibilidade social em espaços públicos. "Como lidar com essa realidade, como se posicionar nesse momento onde você é considerado por uma grande parte da estrutura social como quase descartado, quase improdutivo, sem considerar suas histórias, experiências, acertos e erros, que é tudo que compõe a vida?", questiona Carvalho.

O artista explica que a escolha pelo formato de leitura cênica é fundamentada na busca pela escuta do espectador. Ele defende

que o ato de ler estabelece uma relação direta, semelhante a uma conferência, onde a plateia imagina e sente a partir da palavra falada. Carvalho utiliza a metáfora de "dois pássaros" para explicar a essência do trabalho: um pássaro que busca o alimento imediato e outro, interno, que observa, reflete e tenta entender o percurso da existência. "Essa leitura que proponho é um trabalho deste pássaro, desta coisa interna que diz: gente, é uma loucura, quanto tempo ainda tenho, será que está acabando? Como me relaciono com essa realidade de limite?", destaca.

Ainda de acordo com Carvalho, o título da obra, acompanhado por um ponto de exclamação, refere-se ao impacto de atingir a marca dos 70 anos. O ator compara a trajetória da vida a um dia em um parque de diversões, onde, após passar por diversos brinquedos, o indivíduo é avisado de que o tempo encerrou. "É um susto. Quando você se dá conta, pensa: 70! É como se você virasse para o funcionário do parquinho e perguntasse: posso dar mais uma volta no carrossel?", conclui o artista, no auge dos seus 73 anos de idade.